



**RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA: A FIGURA DO COORIENTADOR NA
MOBILIDADE DISCENTE**

**REPORT OF AN EXPERIENCE: THE ROLE OF THE CO-SUPERVISOR IN
STUDENT MOBILITY**

**INFORME DE UNA EXPERIENCIA: EL PAPEL DEL COTUTOR EN LA
MOVILIDAD ESTUDIANTIL**

Carlos Cabombo do Nascimento Miguel¹

“Mukombe mutambule kyambote, mukonda mwene dilenji, kambata inzu.”

Provérbio angolano, veiculado em kimbundu, quer dizer: Trate bem o visitante, ele é nuvem, logo vai embora, não leva casa.

Resumo:

A finalidade deste trabalho intitulado “Relato de uma Experiência: a figura do coorientador na mobilidade discente” é partilhar a nossa experiência, no quadro do Protocolo de Intenções, entre a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPE-Bengo), que institucionaliza relações acadêmicas à sombra das quais nos pronunciamos na condição de coorientadores que, a partir de Angola onde a aluna da UEMS realizou seu estágio, procuramos (re)laborar o itinerário de ações que nessa posição ditaram a nossa atuação, auxiliando e cooperando com ela para concretização dos objetivos traçados em seu projeto.

Palavras-chave: Cooperação internacional. Relato de experiência. Mobilidade discente. Estágio.

ABSTRACT:

The purpose of this work entitled “Report of an Experience: the figure of the co-supervisor in student mobility is to share our experience, within the framework of the Agreement of Intent, between the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) and the Escola Superior Pedagógica do Bengo

¹ Doutorando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP); Professor da Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPBE), Angola; Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP). Bolsista CAPES/PEC-PG. cabombo@usp.br. <https://orcid.org/0000-0002-3664-3441>.



(ESPE-Bengo), which institutionalizes academic relations in the shadow of which we speak as co-supervisors who, from the country in which UEMS student carried out her internship, seek to (re)work out the itinerary of actions that in this position dictated our actions, helping and cooperating with her to achieve the objectives outlined in her project.

Keywords: International cooperation. Experience report. student mobility. Internship.

Resumen:

El objetivo de este trabajo titulado “Relato de una Experiencia: la figura del cotutor en movilidad estudiantil es compartir nuestra experiencia, en el marco del Protocolo de Intenciones, entre la Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) y la Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPE-Bengo), que institucionaliza las relaciones académicas a la sombra de lo que hablamos como codirectores que, desde el país en el que la estudiante de la UEMS realizó su pasantía, buscan (re)elaborar el itinerario de acciones que en este puesto dictaron nuestras acciones, ayudándola y cooperando con ella para alcanzar los objetivos trazados en su proyecto.

Palabras clave: Cooperación internacional. Informe de experiencia. Movilidad estudiantil. Prácticas.

Introdução

O que vamos apresentar é o percurso de como se organizou e executou o itinerário que facilitou o processo de estágio de uma aluna brasileira em Angola para que o mesmo tivesse uma trajetória sem acentuados sobressaltos. Entre os tópicos a explorar, destacamos os seguintes: os contatos entre colegas da UEMS e nós para a coorientação, a correspondência ao nível diretivo ou institucional, os contatos prévios antes da chegada da aluna a Angola, seu acolhimento, sua socialização no contexto da ESPE-Bengo¹, acertos entre coorientador e estagiária para execução do estágio, execução do projeto e participação em atividades extensionistas e retorno ao país de origem. Faremos, também, uma resenha histórica sintética sobre a fundação da ESPE-Bengo e discorreremos brevemente sobre as relações acadêmicas Angola e Brasil, fazendo recurso ao estudo de Lucilene Soares da Costa.

Breve descrição da Escola Superior Pedagógica do Bengo

Para situar os leitores sobre a instituição onde decorreu a mobilidade discente e em que somos docentes desde 2012, achamos oportuno apresentar uma resenha histórica sintética sobre a Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPE-Bengo) fundada em 12 de maio de 2009 pelo decreto-lei nº 7/09, aprovado pelo Conselho de Ministros. A mesma é uma instituição de Ensino Superior pública angolana, vocacionada para formação de professores, cuja sede se localiza no Município do Dande, Província do Bengo.

A ESPE-Bengo desde a sua fundação teve as seguintes ofertas formativas para Licenciaturas: Ensino de Língua Portuguesa; Ensino de História; Ensino de Matemática; Ensino de Psicologia e Ensino de Pedagogia. Vale dizer que os cursos de Ensino de Psicologia e de Pedagogia foram descontinuados por decisão do Ministério do Ensino Superior Ciência, Tecnologia e Inovação (MESCTI). Atualmente, a ESPE-Bengo conta, também, com os cursos de Ensino de Educação Primária e Ensino de Informática. Desde 2009 a 2024, a Instituição teve na sua direção os seguintes diretores: Prof. Dr. Silvério Adriano Major (2009-2015); Prof. Dr. João Boaventura Ima Panzo (2015-2020); Prof. Dr. Isaías Domingos Simão (2020-2022) e Profa. Dra. Teresa Manuela Camacha José (2022...).

Um recorte sobre pesquisa das relações acadêmicas Angola e Brasil

Há um ditado, em kimbundu, segundo o qual “o kima ka kyende ubeka, atu a kyendesa”, quer dizer que nenhum processo ocorre por si mesmo, mas são as pessoas que o fazem. Isso serve para dizer que se os processos de cooperação acadêmica entre Angola e Brasil existem é porque pessoas impelidas por intenções e necessidades procuraram, a dado momento, criar movimentos para aproximação e partilha de conhecimentos.

Nesse sentido, as relações de cooperação acadêmica entre instituições de Ensino Superior de Angola e Brasil vão fazendo algum percurso. Embora se reconheça



haver ainda muito por fazer para consolidar as mesmas e serem atuantes nos dois sentidos, ou seja, num movimento de realizações recíprocas Brasil para Angola e vice-versa.

A cooperação acadêmica entre os dois países tem merecido estudos com vista a mensurar, por um lado o seu nível de implementação e seu impacto no contexto acadêmico dos dois países, por outro sobre as ações desenvolvidas por docentes brasileiros nas instituições de Ensino Superior angolanas. Podemos citar, por exemplo, a pesquisa de pós-doutorado da Profa. Dra. Lucilene Soares da Costa, docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cujo título é: “A Internacionalização Acadêmica entre Angola e Brasil” (2021) que teve como objetivo central:

Realizar levantamento, descrição e análise das principais ações desenvolvidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras em Angola no último decênio, (2010-2020), período em que se acentuou na academia brasileira a internacionalização como dimensão de avaliação da qualidade dos programas e pesquisas de pós-graduação no país, e que também coincide com a abertura dos primeiros programas de pós-graduação no campo da educação em Angola (Costa, 2021, p. 35).

Esses objetivos, em nossa percepção, evidenciam um aspecto importante que devemos ressaltar. Referimo-nos às principais ações levadas a cabo pelas IES brasileiras no período mencionado, conforme mostra o “Quadro ilustrativo da cooperação Angola Brasil (2010-2020)”, (Costa, 2021, pp. 53-55). Essas ações, que de forma sistemática foram reunidas e registradas em um único espaço, constituem-se num *corpus* que irá contribuir consideravelmente para estudos posteriores.

A pesquisa, da estudiosa brasileira, levanta, entre outras, questões como:

- a) Qual o impacto dos seminários e projetos realizados entre os dois países para a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em território angolano;
- b) Qual o peso de profissionais brasileiros na docência universitária na região;
- c) Em que medida as ações de cooperação acadêmica têm sido significativas para repensar o processo de aquisição e circulação de conhecimento científico do eixo sul (Costa, 2021, p. 2).

Entre as conclusões que a pesquisa apresenta, interessa-nos destacar a que indica que as relações internacionais acadêmicas entre Angola e Brasil não são, ainda, privilegiadas, pelo fato de as mesmas não estarem espelhadas em documentos da universidade brasileira:

Fomos pouco a pouco nos inteirando de que Angola (e por extensão a África) não aparece como parceira estratégica, nem ao menos como parceira eventual, nos principais documentos e relatórios que tratam da internacionalização na universidade brasileira. (Costa, 2021, p. 42)

Entretanto, apesar dessa situação incipiente, em que se encontram as relações acadêmicas entre Angola e Brasil, que carece de mais engajamento das universidades dos dois países para sua melhoria, no sentido de realização de ações que possam dar substância as mesmas, há indicadores que espelham a capacidade de execução, isto é, sair dos acordos no papel para a implementação que proporcione ganhos recíprocos e a maturidade demonstrada pelos intervenientes através de ações regulares conjuntas. Referindo-nos ao caso da cooperação entre a ESP-Bengo e a UEMS, podemos citar, como exemplo, a realização da I Conferência Internacional de Extensão Universitária em Angola (CIEUA) cuja primeira edição teve lugar em 2017 na ESP-Bengo, na qual participaram investigadores brasileiros e de outros países como Moçambique, Cabo-Verde, Portugal e Cuba.

Vale dizer que novos ventos vão soprando, favoravelmente, nas relações acadêmicas entre Angola e Brasil, pois ações estão sendo realizadas no sentido de suprir algumas insuficiências apontadas pela pesquisa de Lucilene Costa. Socorrendo-nos da mesma pesquisa, trazemos alguns exemplos, que confirmam esse momento, nessas relações, como a criação do “Grupo de Estudos para a Construção de Projeto de Pesquisa e Extensão em Educação Ambiental entre a Universidade do Namibe (UNIMBE) e IES brasileiras, sob coordenação da professora Anelize Amaral, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); da Rede Internacional de Extensão Universitária (RIEU), que congrega instituições de Angola, Brasil, Costa Rica, Moçambique e Portugal. Período (Costa, 2021, pp. 8-9). Sublinhe-se que o Grupo de Estudos da Comissão Internacional de Extensão Universitária é coordenado pelos

professores Suraya Shimano (UFTM)/Brasil e Felizardo Tchiengo Costa (ESPB)/Angola. (Costa, 2021, p. 7)

Pode-se, também, fazer menção da participação de investigadores brasileiros em comissões de elaboração de documentos que regem atividades acadêmicas como é o caso da “comissão de elaboração do regulamento de Doutorado em Ciências da Educação do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED/Sumbe, Angola), novembro de 2020” (Costa, 2021, p. 9), da qual fez parte a Prof. Dra. Lucilene Soares da Costa.

Ainda no âmbito da cooperação entre a Escola Superior Pedagógica do Bengo e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, destaca-se, também, a realização conjunta do I Seminário Metodológico Integrador – Angola e Brasil, realizado, em Caxito, de 28 a 31 de maio de 2018, cujo o lema foi: “Mais qualidade no ensino, mais transformação social”.

Sublinhe-se que em 2021, teve lugar, simultaneamente, a III Conferência Internacional de Extensão Universitária em Angola e o II Seminário Metodológico Integrador Angola-Brasil que decorreu de 11 a 13 de maio na ESPE-Bengo cujo lema foi: “Por uma extensão universitária virada à mitigação dos impactos das catástrofes naturais e sociais, unamo-nos!”. A tônica do evento incidiu sobre “a reflexão à volta das contribuições que a Universidade pode propiciar no enfrentamento das catástrofes naturais e sociais” (ESPE-Bengo, 2021, p. 1). Nessa atividade, para além de investigadores angolanos e brasileiros, estiveram também os dos Cuba, Estados Unidos da América, Marrocos, Moçambique e Portugal.

É importante a realização desses eventos porque, por um lado, significa a concretização de algumas ações previstas nos protocolos de cooperação; sinalizando a necessidade de traduzir as intenções em atos, pois, em alguns casos os protocolos não passam de meros adornos em papeis. Por outro, evidencia esforços de estreitamento de laços entre instituições e fortalecimento da cooperação científica entre os dois países.

O ponto de partida desta experiência

No quadro do Protocolo de Intenções firmado, em 21 de setembro 2017, entre a Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPE-Bengo/Angola), representada pelo seu Diretor Geral, Prof. Dr. João Boaventura Ima Panzo e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, (UEMS/Brasil), representada pelo seu Reitor, Prof. Dr. Fábio Edir dos Santos Costa, enquanto docentes da ESPE-Bengo, no âmbito da mobilidade discente, tivemos o ensejo de coorientar a aluna Iris Isis Rowena Campos.

A mesma é aluna da UEMS, área de formação Letras. Desenvolveu em Angola, no período de novembro a dezembro de 2022, um projeto de extensão internacional, intitulado “Cineclube Educação: sensibilização e mediação fílmica na escola”, que contemplou três pilares da universidade: pesquisa, extensão e ensino. Os meandros que, do nosso ponto de vista, concorreram para execução desse projeto constituem o mote da experiência que vamos partilhar neste sintético relato:

Em 2020, recebemos uma solicitação da UEMS, através da Profa. Dra. Lucilene Soares da Costa, em que nos propunha para coorientar uma aluna do bacharelado em Letras que se havia de deslocar à ESPE-Bengo, Angola, para desenvolver um projeto acadêmico. Na UEMS, a aluna tinha como orientadora a Profa. Dra. Keyla Andrea Santiago Oliveira. Passada a fase da pandemia, da COVID 19, em 2022, concretizou-se a ida da aluna Iris Isis Rowena Campos a Angola.

Vale sublinhar a importância de formalizar o convite de um coorientador, pois, isso leva-nos, por exemplo, a questionar: - Quem nos autorizou a falar sobre esse relato de experiência? Que legitimidade teríamos de falar sobre o mesmo se não fosse no âmbito da cooperação entre as duas instituições? Levantamos estas questões para chegar ao ponto de que a efetivação de processos de mobilidade discente e docente é importante para as instituições, pois esses processos, como já dissemos, para além de estreitar os laços entre as instituições e fortalecer o intercâmbio científico, possibilitam, também, a certificação de pessoas envolvidas



diretamente. No nosso caso, a outorga do certificado pela UEMS (em anexo) atesta a importância da formalização desses processos.

O processo que resultou nesse “Relato de uma Experiência: a figura do coorientador na mobilidade discente”, em nosso entender, gravita entre três polos de execução:

1. Articulação documental (caráter diplomático);
2. Nível logístico (mobilização de recursos para a recepção e alojamento);
3. Execução do projeto (operacionalização da pesquisa).

Entretanto, interessa antes revisitar aspectos sobre o processo de internacionalização como base da mobilidade discente (de que nos ocuparemos neste relato). A mobilidade discente, como um dos aspectos inscritos no plano de cooperação entre instituições de Ensino Superior, constitui elemento importante que ao ser materializado empresta vigor ao quadro cooperativo. Esse eixo manifesta um impacto muito grande na cooperação porque coloca a pessoa no centro da realização cooperativista, claro sem desprezimir de outros eixos que envolvem, também, o homem e processos de articulação, abrangendo aspectos técnico-administrativos e científicos.

Ao Discorrer sobre internacionalização de instituições acadêmicas, Heloisa Costa assinala que “dois aspectos são relevantes para compreender como se dá a internacionalização, a ideia de processo e de articulação” (Albuquerque-Costa, et ali, 2021, p. 14) que diz:

O processo de internacionalização, considerado como um dos desafios da educação superior envolve a definição de objetivos articulados com as demandas educacionais, as diretrizes curriculares, a legislação vigente, e com o Plano Nacional de Educação (PNE). De modo especial, o processo envolve também o uso de tecnologias de informação e comunicação, a formação de pessoal qualificado para educação a distância e a definição de programas de estímulo, visando à ampliação de intercâmbios internacionais, aspectos curriculares e organizacionais.

Entendemos que o processo de internacionalização deve considerar, por um lado a envolvente de procedimentos que orientam para um itinerário a perseguir. Por outro, fazer com que esse itinerário conduza ao alcance de objetivos preconizados,

contando com o concurso de parceiros internos e externos com os quais de forma articulada se poderá desenvolver a internacionalização. Nesse sentido, convergimos com a ideia de Heloisa que aponta a internacionalização como:

Um movimento intencional que se inicia, tem continuidade e é constantemente avaliado e, o segundo, a necessidade colocada aos responsáveis pela internacionalização nas IES de articular as ações e dados para que, em sinergias com os diferentes interlocutores, possam dar visibilidade à política de internacionalização da instituição. (Albuquerque-Costa, et ali, 2021, p. 15)

Pois, desses diferentes interlocutores do processo de internacionalização das IES, no plano externo, destacamos o coorientador – enquanto figura que na instituição de destino ou da realização do estudo, em coordenação com os seus pares, da instituição de origem da discente, faz o acompanhamento do processo de pesquisa. Servindo, em alguns casos, de ponto focal, articulador, entre as duas instituições, bem como entre a estudante e a Instituição de destino e vice-versa e ainda com as instâncias externas mobilizadas no processo: podem ser instituições de ensino, culturais, comunitárias, etc.

Ao analisar o texto “Impacto do tipo de mobilidade estudantil sobre os programas de francês para objetivo universitário”, da autoria de Karine Bouchet; Julie Vidal e Regina Machado, inserido no livro *Ensino e Aprendizagem de Línguas em Contexto Universitário*, chamou nossa atenção a abordagem sobre “as mobilidades estudantis internacionais” (Albuquerque-Costa, et ali, 2021, p. 110).

As autoras distinguem dois tipos de mobilidades estudantis internacionais: institucionalizadas e espontâneas. As mesmas ancoram nos programas de “duplo diploma e os de estudos integrados” (Albuquerque-Costa, et ali, 2021, p. 110). O que nos interessa nesse estudo são as tipologias de mobilidades estudantis derivadas desses programas, nomeadamente, as “mobilidades institucionalizadas” que se referem “aos estudantes cuja instituição de origem estabeleceu um acordo com a instituição de destino” (Albuquerque-Costa, et ali, 2021, p. 110) e as “mobilidades espontâneas” que têm a ver com “os estudantes que se candidatam individualmente a um programa de intercâmbio”. (idem, ibidem.)

Pois, na senda das tipologias propostas pelas autoras acima mencionadas, no quadro da mobilidade em abordagem no nosso relato, podemos tipificá-la como “institucionalizada” pelo facto da mesma desenvolver-se no âmbito das relações académicas entre a instituição de origem (UEMS) e a de destino (ESPE-Bengo). Essa mobilidade tem vantagens, em relação à outra, por beneficiar de instrumentos mais orientados a favor do estudante no âmbito dos acordos de cooperação entre as instituições.

Acima, afirmamos que o processo que resultou nesse relato, em nosso entender, gravita entre três polos de execução. Em seguida, vamos demonstrar como foram articulados esses polos:

1. Articulação documental (caráter diplomático). Nesta fase, após solicitação da colega da UEMS, como já nos referimos, mantivemos contatos, visando o acompanhamento, junto da ESPE-Bengo, da tramitação da documentação de viagem (os documentos requeridos pela Instituição de destino junto da Instituição e ou País de proveniência). Com os nossos colegas da UEMS, particularmente, a orientadora e outros inseridos no processo, articulamos sobre a documentação. Como ponto de partida, da UEMS recebemos, formalmente, um convite para coorientação, e com base nesse convite, em concertação com a Direção da ESP-Bengo, emitiu-se uma carta de aceite. Posteriormente, a Instituição de origem remeteu à de destino cópia da documentação completa sobre a viagem da aluna, inclusive dados como data de partida chegada.

2. Nível logístico (mobilização de recursos para a recepção e alojamento). Trabalhamos com a Direção da ESPE-Bengo e com a Comissão de Intercâmbio com vista a preparação das condições de recepção, alojamento e logística para a discente. Importa dizer que, segundo a nossa experiência, alguns procedimentos podem ser (pre) vistos e articulados, com os pares do país de origem, por exemplo, se o alojamento e a alimentação estarão por conta da instituição de destino ou haverá partilha na sua gestão; se a instituição de destino concederá, apenas o alojamento e a aluna, assumirá a alimentação e outros gastos complementares. Peço licença para

dizer que, no caso em relato, a ESPE-Bengo dispôs o alojamento a 100%, sendo a alimentação partilhada com a aluna.

Nesse polo também se enquadra a recepção da discente do aeroporto de chegada ao espaço de alojamento. Para o nosso caso, antes da sua partida do Brasil, já se havia concertado com a aluna que estariam alguns colegas da ESPE-Bengo a sua espera no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, em Luanda. Esse passo é básico para criar uma atmosfera favorável ao visitante. Chegar, pela primeira vez num país é sempre uma experiência que pode marcar positiva ou negativamente, considerando o impacto das impressões objetivas e subjetivas, por isso, o momento de recepção pode ajudar para essa atmosfera desejável.

Sobre esse momento, deixemos ela relatar: “Os colegas que me foram buscar no aeroporto, Prof. Msc. Justo Muangunga e o motorista Rodrigues, foram identificados pela van/taxi da Instituição de ensino ESPE-Bengo. O Professor Justo já havia interagido comigo via encontros on line no Google Meet previamente, então foi tranquilo o processo de identificação”.

3. Execução do projeto (operacionalização da pesquisa). Nesse polo, para socialização, cumpriu-se o protocolo de boas-vindas. O coorientador e o responsável do intercâmbio apresentaram a aluna aos responsáveis da ESPE-Bengo e os departamentos da Instituição. Na sequência, o coorientador analisou o projeto de pesquisa com a discente e solicitou o seu programa de execução para melhor acompanhar a sua implementação.

No tocante a essa questão, embora já tivéssemos ideia do que ela havia de fazer, no quadro das conversas que fomos tendo, tivemos uma reunião na qual estes aspetos foram explicados e concertados. Foi em função do seu programa, e dos espaços vagos que continha, que foram enquadradas as solicitações de realização de atividades extensionistas: académicas e ou lúdicas, dentro da instituição e fora dela.

Neste particular, sem prejuízo de seus objetivos, a Iris Campos teve convites para realizar algumas dessas ações das quais podemos destacar: “Fala colaborativa sobre Análise de Discurso”, dirigido aos estudantes dos Cursos de

Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa, História e Pedagogia; “Fala colaborativa sobre a Semana de Artes Moderna no Brasil e seu impacto”, dirigida aos estudantes do Curso de Língua Portuguesa.

Vale realçar que a aluna, aquando da sua chegada à ESP-Bengo, doou diverso material bibliográfico à Biblioteca Central da ESPE-Bengo. Ao longo da execução do projeto, fez, também, oferta de livros infanto-juvenis às crianças participantes das oficinas do Cineclubes.

Convêm, aqui, partilhar que segundo o quadro descritivo apresentado pela aluna, o projeto “Cineclubes Educação: sensibilização e mediação fílmica na escola” desenvolveu-se a partir dos seguintes eixos: Abrir sessões à comunidade de alunos do Bairro da Açucareira no Bengo; Compartilhar a metodologia da abordagem triangular e sua interdisciplinaridade no âmbito do audiovisual; Fomentar o ensino público com a linguagem audiovisual no ambiente escolar de Caxito, Província do Bengo, Angola; Produzir experiência didática através da exibição e análise de curtas-metragens previamente selecionadas; Buscar destacar produções de construções narrativas do objeto fílmico, estimulando as crianças do ensino público do Brasil e de Angola a compreenderem e se apropriarem deste tipo de linguagem artística. (Campos, 2022, pp. 3-4)

Perpetuação da metodologia do Projeto

Olhando para a pertinência e novidade do projeto, assente na metodologia tríade de análise, através da abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), com base na qual se realizou: a) apreciação do objeto – processo reflexivo significativo; b) contextualização – social e ou histórica da obra; c) produção do fazer artístico, baseado na contextualização proposta no debate, que toma forma artística pela interpretação dos participantes (Campos, 2022, p. 18), nós sugerimos, de início, à pesquisadora que fosse acompanhada, ao longo da realização do seu projeto, por três alunos do Departamento de Letras Modernas da ESPE-Bengo, nomeadamente: Gomes Adão Neto e Gabriel João Fulengue, para a possibilidade da apropriação e perpetuação da metodologia do projeto no Bengo.

Nesse processo, a experiência mostrou-nos que para facilitar o trabalho da aluna, o coorientador deve ter a capacidade de dar respostas a quaisquer entrevistas que se colocarem durante a implementação do projeto. Articulado, quando for necessário, com a direção da instituição de destino e colegas. Sobre o momento de inclusão de dois alunos afetos ao Projeto de Investigação e Extensão Leitura Interpretação e Desenho (LID), do Departamento de Letras Modernas da ESPE-Bengo, às atividades de bolsista, vejamos o registro dela:

Os alunos Gomes Adão Neto e Gabriel João Fulengue [...], matriculados no 4º ano do curso de licenciatura em Língua Portuguesa e orientados pelo Me. Carlos Cabombo foram recomendados a participarem ativamente como ajudantes no projeto de extensão da Mobilidade Acadêmica Internacional “Cineclube Educação: sensibilização e mediação fílmica na escola”, a fim de perpetuar a metodologia proposta pela estudante brasileira nas atividades fílmicas realizadas em Angola. Deste modo, expandem-se as possibilidades de entendimento e elaborações futuras para o projeto de extensão LID/ESP-Bengo, bem como se perpetua a possibilidade de reprodução da ação brasileira mais vezes, posteriormente, em solo angolano. Os dois alunos, dado o encaminhamento via parceria do coorientador em comum, interagiram nas duas sessões fílmicas (divididas em três curtas-metragens), orientando fielmente as logísticas necessárias entre a bolsista e as crianças angolanas participantes do Cineclube. (Campos, 2022, p. 2)

Ao sugerirmos a inclusão de alunos da ESPE-Bengo no projeto, estávamos a criar condições, do ponto de vista de recursos humanos, para por um lado os alunos angolanos facilitarem a interação da aluna brasileira com o público-alvo do projeto; esclarecendo eventuais situações de caráter sociocultural, advindas desse processo interativo. Por outro, propiciar a troca de experiência sobre a metodologia empregue para a continuidade do projeto, adequando-o ao contexto angolano com a exploração de narrativas da literatura angolana e não só.

Por que é importante a figura do coorientador?

Para além das razões já expostas ao longo do relato, convém também destacar que o seu papel, em alguns casos, vai para além da esfera, estritamente, ligada ao processo de pesquisa, à operacionalização do projeto de estudo. O coorientador pode servir de alguém que vai “intermediar” a atuação social da aluna,

visto que ela se encontra num ambiente em que se está a adaptar. No caso da não existência dessa figura, ela, provavelmente, encontraria saídas para as suas inquietações em canais menos apropriados. Ou seja, teria de recorrer às pessoas, muitas vezes, não capazes de dar orientação assertiva sobre determinada situação.

Por isso, vamos partilhar uma breve situação sobre o papel do coorientador na “intermediação” da atuação social da aluna. A dado momento, a aluna pretendia sair, para lazer, do espaço de acomodação, na Açucareira, Bengo para Luanda, a aproximadamente 65 quilômetros, sabendo que tinha o seu coorientador, via WhatsApp, disse: “... outra pergunta sem relação nenhuma é, sabe se vou ficar sozinha aqui esse final de semana também? Só pra eu me programar porque quero ir pra Luanda, estou vendo quem pode me levar”.

Vendo que tal decisão de (autorizar a saída do espaço de alojamento) não era de nossa alçada, dissemos-lhe “aconselho você a falar com a Diretora Teresa. Ela é a responsável pela sua permanência em Angola. Eu não me vejo capaz para decidir sobre isso, desculpe”. Aqui se pode divisar a intervenção e os limites de atuação do coorientador nesse processo, particularmente, ao que concerne às questões que remetem para a “segurança” física da aluna. Dissemos segurança porque, entendemos que, uma deslocação do espaço geográfico da instituição de destino para outro, implicaria o conhecimento e “consentimento” da instância de gestão da mesma para que na possibilidade de uma eventualidade que implique a aluna se possa agir em conformidade.

Embora, antes da bolsista da UEMS, a ESPEBE já tivesse recepcionado em 2018, Sheila Perina de Souza, aluna da FEUSP, em nossa percepção, tal atitude de zelo em relação à aluna estrangeira, talvez decorra da “novidade” desses processos na ESPBE, e no DLM em particular, no sentido de que ainda não há um fluxo regular sobre os mesmos.

A par da figura do coorientador, no plano de orientação da aluna Iris Isis Rowena Campos, a ESPE-Bengo desenhou o cargo de supervisor adjunto para a logística da bolsista no período do intercâmbio. Ao qual foi indicado o colega Justo



Valentino Muangunga que em articulação com o coorientador teve uma intervenção considerável, no processo, como descreve a aluna no seu “Relatório de Atividades da Bolsa de Extensão Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX, Divisão de Extensão – PROEC”:

O Me. Justo Valentino Muangunga: foi destinado ao cargo de supervisor adjunto para as logísticas da bolsista brasileira no período no qual se exerceu o intercâmbio. Teve por responsabilidade, por exemplo: busca-la e leva-la do aeroporto - juntamente ao motorista da IES, articular passeios turístico-históricos, reconhecimento de território da IES, integração com comunidade acadêmica discente e docente, acordos, assinaturas entre os órgãos responsáveis pela parceria entre o Complexo Escolar 11 de novembro (contemplado pela participação das crianças no projeto de extensão) e a Direção Municipal da Educação da Província de Dande, via facilitamentos do Director Municipal da Educação local, Dr. Adão Domingos Sakatwala - docente de licenciatura em Pedagogia da IES parceira, entre outros processos. Dito isto, ao que cabia a ausência do Me. Cabombo e com recomendação autorizada do mesmo, o professor Me. Justo Muangunga foi responsável para articular as sincronias mais complexas, que poderiam escapar em tempo hábil do coorientador primeiramente destinado a função - por razões pessoais e acadêmicas no período. (Campos, 2022, p. 3)

Sobre a figura do supervisor, talvez se questionasse: - para que o envolvimento de várias pessoas num processo simples como este? Simples no sentido de que o coorientador pudesse abarcar todas as tarefas inerentes ao processo. Mas a experiência mostrou-nos que a atuação em equipe é valiosa porquanto visa a complementaridade de ação e a possibilidade de suprir qualquer imprevisto em relação a (indis)ponibilidade de um dos intervenientes no processo. Por exemplo, na eventual ausência do coorientador o supervisor poderia auxiliar.

Avaliação

Como todo o processo deve merecer a avaliação das partes envolvidas, nós na qualidade de coorientador, no final, apresentamos, para constar do relatório da aluna, o nosso parecer sobre o desempenho da mesma no quadro da sua atividade que demonstrou ótima capacidade de adaptação ao ambiente socio-acadêmico da Instituição de destino, disposição em trabalhar para alcançar os objetivos, gestão e



cumprimento cabal do seu programa, disponibilidade em responder a convites para atividades extensionistas acadêmicas, culturais dentro e fora da Instituição.

De nossa parte, para aferir o grau de satisfação da aluna em relação ao acompanhamento que lhe foi prestado, para termos o ponto de vista dela sobre o nosso desempenho, com vista a confirmar o itinerário seguido e ou a corrigir possíveis insuficiências, solicitamos a sua avaliação que apresentou nos seguintes termos:

A avaliação geral considero contemplativa em todos aspectos de estrutura que uma universidade brasileira pode conceder como intercâmbio acadêmico e cultural (por pesquisa, extensão e ensino). Os três pilares foram bem explorados e o projeto de extensão “Cineclube Educação: sensibilização e mediação fílmica na escola” só pode se realizar em Angola pela existência e colaboração da ESP-Bengo. O Prof. Carlos Cabombo foi muito prestativo e concedeu vários espaços de fala em prol de uma integração maior entre mim, bolsista, e os estudantes da ESP-Bengo. Todas as mediações que fez, incluíram sempre cuidado de acolhimento de sua parte, facilitando assim o trabalho das oficinas fílmicas da Escola 11 de novembro e a Instituição de ensino ESP-Bengoⁱⁱⁱ.

Podemos afirmar que o nosso desempenho esteve orientado para, por um lado, junto com a Direção da ESPE-Bengo, prover as condições indispensáveis para a realização do projeto, por outro acompanhar a aluna nas etapas de execução do mesmo com vista a sua concretização efetiva. Com base nisso, corroboramos com a exposição avaliativa da aluna.

Dificuldades no processo

Cabe aqui registrar um dos constrangimentos cuja natureza ultrapassava a nossa esfera de gestão. Foi a greve dos professores afetos ao Ministério da Educação. No período em que a aluna chegou a Angola, decorria uma greve que foi, inicialmente, um entrave para o início do projeto já que a sua implementação seria numa escola de Ensino Primário, considerando o público-alvo do projeto: “crianças angolanas de 8 a 13 (oito a treze) anos de idade” (Campos, 2022, p. 1). Entretanto, poucos dias depois, a greve terminou então se pode efetivar a realização do projeto na escola com a qual a ESPE-Bengo mantém convênio.

As relações acadêmicas internacionais e os fluxos culturais

Neste tópico, vamos refletir em torno das possibilidades de ganhos que as relações acadêmicas podem proporcionar no quadro da mobilidade discente e ou docente. Olhando para o caso em relato, o projeto de extensão, “Cineclube Educação: sensibilização e mediação fílmica na escola”, realizado pela aluna da UEMS na ESPE-Bengo pode se afigurar como uma das oportunidades de transição e transação de fluxos culturais para além dos ganhos, estritamente, acadêmicos que se subscrevem no quadro dos resultados da pesquisa.

Entendemos que a realização desse projeto gerou uma dinâmica de interação entre a aluna brasileira, constituída e portadora de personalidade cultural específica, com os alunos angolanos, também, possuidores de personalidade cultural própria. Esse encontro estabeleceu um processo de transição de elementos culturais nos dois sentidos ao mesmo tempo em que se deu o intercâmbio ou transação. Pois, a função metalinguística ajudou na concretização dessa finalidade: o que eu não sei sobre sua cultura, você me ensina e o que você não sabe da minha, eu te ensino. Através da língua, cada um dá a conhecer ao outro um pouco de si. Nesse tipo de interação, as perguntas: - O que significa isso ou aquilo? - São muito frequentes. Para além da partilha da metodologia com os alunos da ESP-Bengo, conforme narrado no ponto sobre Perpetuação da metodologia do Projeto, a projeção de filmes de contos infantis brasileiros às crianças angolanas, propiciou a absorção não apenas da parte didática, como reconheceu um dos professores angolanos: “O projeto desenvolve o debate e desenvolve também a participação dos alunos na sala de aula. O projeto tem várias vantagens” (Campos, 2022, p. 6), mas também de um pouco da alma cultural brasileira. Isso ajuda as crianças angolanas a ampliar a sua visão sobre a cultura brasileira para além do que têm percebido via televisão, através de novelas e música.

O inverso, também, se coloca à pesquisadora, na medida em que ao longo desse processo, ela teve contato com aspectos da cultura angolana que, certamente, enriqueceram seu portfólio de cultura geral sobre Angola, em particular, e a África em geral. Nessa perspectiva, pode-se inserir a afirmação de Lucilene Costa:



Nesses trânsitos tateantes, tivemos a oportunidade de conhecer aspectos da cultura angolana, como a variedade linguística, e mapear interesses de pesquisa da literatura, educação, cultura, envolvendo os dois países. (Costa, 2021, p. 43)

Nesse trecho em que a pesquisadora afirma “conhecer aspectos da cultura angolana”, diríamos “conhecer *in loco*”, considerando que muitos desses aspectos já os tenham conhecido através da literatura, documentos e pelo diálogo com angolanos e não só. Nesse sentido, vem ao de cima o provérbio em kimbundu, segundo o qual, “mu kwenda mu kwijya o nzamba”, “é no andar que se conhece o elefante”, quer dizer que quem quiser conhecer o elefante de perto tem de andar, ir lá aonde ele se encontra. Então, esse movimento, feito pela aluna no sentido Brasil Angola e vice-versa, considerando a absorção de conhecimentos a partir do local da aplicação do projeto, propiciou-lhe a execução e concretização do seu projeto, interação e conhecimento de aspectos da cultura angolana.

Considerações finais

A partir do relato exposto, consideramos que as relações de intercâmbio acadêmico entre instituições de Ensino Superior de Angola e Brasil, de forma geral, e entre a ESPE-Bengo e a UEMS, em particular, cuja finalidade se consubstancia no “interesse recíproco de promover a cooperação científica, tecnológica e cultural nas áreas de suas especializações, bem como no desenvolvimento de trabalhos científicos e tecnológicos conjuntos de vantagens comuns” (UEMS & ESPB, 2017, p. s/p), propiciam, no âmbito das suas finalidades, a mobilidade docente e discente.

É, particularmente, no quadro da mobilidade discente que se enquadra a nossa experiência que achamos de interesse por possibilitar a vinda de uma aluna brasileira a uma instituição de Ensino Superior angolana na qual desenvolveu de forma exitosa seu projeto, pois como a mesma afirmou no seu Relatório “todos os objetivos foram alcançados com sucesso” (Campos, 2022, p. 4), que foi apropriado para disseminação na ESPE-Bengo, através de alunos do Departamento de Letras Modernas, afetos ao Projeto LID.



A nossa apreciação é que, nesse processo, em que se espera a execução das tarefas programadas, ressalta-se um olhar, particular, à pessoa que estará a realizar a atividade, no nosso caso, a aluna que deverá merecer acompanhamento institucional para que se sinta bem, do ponto de vista social, e isso irá refletir-se no profissional ou acadêmico pela desenvoltura na assumpção das tarefas delineadas.

Entendemos que para a prossecução de objetivos que conformam projetos de pesquisa no âmbito da cooperação internacional, mormente, ao que a mobilidade discente diz respeito, várias experiências são vivenciadas, vários modelos de gestão desses processos são experimentados e resultados diferentes alcançados. Entretanto, essa foi a nossa experiência, como base, e esperamos que venha a contribuir para aperfeiçoamento de processos semelhantes no futuro.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa et ali. **Ensino e aprendizagem de Línguas em Contexto Universitário: metodologia, formação de professores e programas de ensino**. São Paulo: FFLCH, USP, AUF: Humanitas, 2021.

CAMPOS, Iris Isis Rowena. Relatório de Atividades da Bolsa de Extensão Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX, Divisão de Extensão – PROEC. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Bacharelato em Letras Modernas. Campo Grande, 2023.

COSTA, Lucilene Soares da. **A Internacionalização Acadêmica entre Angola e Brasil**. Relatório Final de Pós-Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2021.

ESPE-Bengo. **Comunicado Final. III Conferência Internacional de Extensão Universitária em Angola & II Seminário metodológico Integrador Angola-Brasil**. Caxito, 13 de maio de 2021.

Protocolo de Intenções entre a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPB). Brasil, 2017.

ⁱ Ao longo do texto poderá ler-se ESPB (nomenclatura anterior) e ESPE-Bengo (nomenclatura atual).

ii Extrato da fala da aluna Iris Isis Rowena Campos respondendo a questões que lhe colocamos no quadro da elaboração deste texto para participar do Encontro sobre Intercâmbio Acadêmico que teve lugar na FEUSP, no dia 10.04.2023, em formato híbrido.

iii Extrato da fala da aluna Iris Isis Rowena Campos respondendo questões que lhe colocamos no quadro da elaboração deste texto para participar do Encontro sobre Intercâmbio Acadêmico, promovido pela ALCANI que teve lugar no dia 10.04.2023 em formato híbrido.

Data da submissão: 06/05/2024

Data do aceite: 02/07/2024